



A Experiência da CSA - Comunidade que Sustenta a Agricultura como Fator Promotor de Desenvolvimento Local - Revisão

The Experience of CSA - Community Supporting Agriculture – A Review

TIBURTINO, Lorene Almeida¹; CARDOSO, Ricardo Cruvinel¹; NARCISA-OLIVEIRA, Jeniffer; MACIEL, Josemar de Campos¹

¹Universidade Católica Dom Bosco, lorenetiburtino@yahoo.com.br; ricardo_cruvinel@hotmail.com; engagro.narcisa@gmail.com; maciel5334@yahoo.com.br

Resumo: O texto que segue é uma apresentação e discussão sobre a experiência da CSA enquanto um movimento dentro da agroecologia, economia solidária e educação para um consumo cidadão. Chama a atenção em todo o mundo, um crescente modelo de integração entre consumidor e agricultor, conhecido no Brasil, como CSA – Comunidade sustenta a agricultura, e essa forma de comercializar os alimentos já nasce dentro do que se espera de uma agricultura sustentável. Formulamos a pergunta se, e até que ponto, o movimento pode trazer perspectivas novas diante de algumas crises atuais. Está dividido em duas partes. Primeiro, contextualizamos o termo CSA, depois a elencamos um debate entre a economia solidária e a busca por um consumo cidadão. Por meio de buscas em bases de dados, observamos relatos de artigos em que a iniciativa da CSA, encontra-se no mundo todo. No Brasil, o termo Community Supported Agriculture (CSA) foi traduzido e vem sendo adotado por Comunidade Sustenta a Agricultura (CSA). Existe uma tendência de mercado, para um consumo mais solidário e cidadão. E que o modelo de CSA é uma oportunidade para produtores e consumidores, pois aborda aspectos sociais, econômicos e ambientais.

Palavras-chave: Economia Solidária, Consumo Cidadão, Comunidade Sustentada pela Agricultura.

Abstract: The following text is a presentation and discussion of the experience of the CSA, as a movement within agroecology, solidarity economy and education for a self-conscious consumption. A growing model of integration between the consumer and the farmer, known in Brazil, as CSA - Community supported agriculture is presented, and one discusses this way of marketing food, born within what is expected of sustainable agriculture. We ask the question whether, and to what extent, the movement can bring new perspectives to some current crises. The text is divided into two parts. First, we contextualize the term CSA, then we set a debate between solidarity economy and the search for a more conscious and self-critic consumption. Skimming through in databases, we can observe reports in which one can found the CSA initiative spread all over the world. In Brazil, the term Community Supported Agriculture (CSA) has been translated and has been adopted by Community Supports Agriculture (CSA). There is a market trend that points to a more solidary and conscious consumption. And also points to the consideration of the CSA model as an innovative opportunity for producers and consumers, as it addresses social, economic and environmental aspects.



Keywords: Solidarity Economy, Conscious Consumption, Community Supported Agriculture.

Introdução

Cada vez mais é possível encontrar pessoas/consumidores, que aderem a uma escolha de alimentos baseados nos princípios da agroecologia. Que vai além da busca por alimentos saudáveis, em direção a um crescente interesse em saber como esses alimentos foram cultivados e sob que condições ambientais. Imediatamente, porém, essas pessoas defrontam-se com o desafio de enfrentar uma escolha baseada em uma viabilidade econômica justa, diminuindo a distância em relação à vivência do campo, pois trata-se de consumidores urbanos, em sua grande maioria.

Chama a atenção em todo o mundo, um crescente modelo de integração encontre consumidor e agricultor, conhecido no Brasil, como CSA – Comunidade sustenta a agricultura. Trata-se de uma forma de comercializar os alimentos que nasce dentro do que se espera de uma agricultura sustentável. A iniciativa resulta de uma produção baseada nos princípios da agroecologia, com alimentos de qualidade superior ao convencional. Esse modo de produção combina o cuidado com a conservação do solo e da água, a manutenção da biodiversidade. Além disso, em estreita conexão com esse modelo de vida, também emerge uma cultura solidária, onde as relações humanas são mais valorizadas, uma tendência de maior apreciação de coordenadas solidárias para a economia e, nas relações de consumo, atitudes mais conscientes e cidadãs.

Neste texto tentamos enfrentar a pergunta se, e até que ponto, o movimento pode trazer perspectivas novas diante de algumas crises atuais. Está dividido em duas partes. Primeiro, contextualizamos o termo CSA, depois elencamos um debate entre a economia solidária e a busca por um consumo cidadão.

Metodologia

O levantamento bibliográfico foi realizado durante o segundo semestre do ano de 2018, fazendo uso das principais bases digitais para busca de artigos científicos: Google Acadêmico, Portal de Periódicos CAPES e Scielo. Os termos utilizados para a investigação foram: 'comunidade sustenta a agricultura', 'economia solidária' e 'educação para consumo cidadão'. A busca foi feita com os termos em português e inglês.



Resultados e discussões

Uma preocupação na busca por melhoria na qualidade de vida aliada a preservação ambiental e uma distribuição mais justa dos recursos econômicos, fez com que agricultores e consumidores, se unam em um modelo chamado CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura), o termo vem do inglês de community-supported Agriculture, em tradução livre, agricultura apoiada pela comunidade (FERREIRA NETO; TORUNSKY, 2014). A rede global da CSA é conhecida como rede *URGENCI* (URGENCI, 2016).

Da união entre consumidores e agricultores nasce a CSA – Comunidade sustenta a agricultura, trata-se de uma possibilidade de organização da cadeia de produção e distribuição de alimentos cujo objetivo vincular a produção ao consumo, com menor elos de cadeias, em uma região geográfica próxima, preferencialmente periurbana (CSA BRASIL, 2018; HITCHMAN, 2015).

Além a proposta de diminuir os intermediários durante os acordos de compra e venda, existe uma parceria onde consumidor e produtor dividem os custos e os riscos inerentes ao processo produtivo, além disso, existe total transparência dos custos mantidos pelo produtor, que se responsabiliza em informar por meio de planilhas detalhadas aos consumidores com a periodicidade mínima de 3 meses (CSA BRASIL, 2018). Os consumidores pagam antecipadamente a produção desses agricultores e semanalmente recebem os produtos que foram colhidos naquele período. O preceito básico é que os produtos, sejam da estação, sem agrotóxicos, cultivados localmente e de acordo com os princípios da agroecologia (HITCHMAN, 2015).

Os produtos entregues variam de local para local, valorizando a cultura alimentar, e pode conter de 9 a 10 itens, sendo os mais comuns: vegetais, ervas, frutas e legumes, que variam conforme a época, mas também pode incluir outros produtos como ovos, carnes, flores, mel, geleias, peixes, grãos e aves (CSA BRASIL, 2018; HITCHMAN, 2015).

Embora, no Brasil as iniciativas de Agricultura Sustentada pela Comunidade sejam recentes, os grupos de CSA já existem no mundo todo. Conforme, nos apresenta em dados oficiais da página CSA Brasil primeiro grupo começou em julho de 2011, na cidade de Botucatu/SP e dessa data em diante já conta com mais grupos organizados em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Pernambuco e em Minas Gerais (CSA BRASIL, 2015), é possível verificar os pontos relacionados a CSA no Brasil na figura 1.

Os registros sobre a CSA iniciam com a necessidade de as famílias japonesas adquirirem alimentos agricultáveis de forma saudável, principalmente depois do



desastre de Minamata, em 1956, onde centenas de pessoas foram contaminadas com mercúrio (SILVA, 2015). Nessa ocasião, um grupo de mulheres consumidoras, passou a se organizar, para comprar seus alimentos diretamente dos agricultores orgânicos, de forma que os laços de confiança foram estabelecidos, e com um sistema de troca simples, a garantia da compra em troca da certeza de saber que os alimentos eram produzidos de forma agroecológica (HITCHMAN, 2015).



Figura 1. Pontos relacionados a CSA presentes no Brasil 2018.

Fonte: Adaptado pelos autores de CSABrasil, 2018.

Essa atividade ficou também conhecida no Japão como *Teikei*, palavra para 'solidariedade' (HENDERSON; VAN EN, 2007). Os grupos de *Teikei* formam uma rede que continua a aumentar. O movimento adquiriu abrangência global com a *rede*



Urgenci, que congrega diversas redes nacionais, reunindo mais de um milhão de pessoas, tanto produtores como consumidores (HITCHMAN, 2015).

Nesse mesmo período em que surgiam as CSA no Japão, várias iniciativas semelhantes foram crescendo ao redor do mundo, no Chile, a dados de que a primeira tentativa foi em 1971, na América do Norte, teve início em 1986 (MCFADDEN, 2004). Depois nas décadas de 80 e 90, os grupos de CSA aumentaram nos Estados Unidos, atingindo o equivalente a 1.000 projetos, hoje é possível encontrar o movimento em todos os continentes (URGENCI, 2016). Outro exemplo de país, na qual o modelo CSA, tem aumentado é a China, na qual, atualmente, apresenta mais de 800 grupos de CSAs e atingem cerca de 100mil consumidores (HITCHMAN, 2015).

Em um recente trabalho, os autores (ORTEGA et al., 2017), entraram em contato com 51 comunidade de CSA e obtiveram a resposta de 24, do qual resultou um quadro com numero de cotistas e valor médio da cota, em resumo, os estados com CSA, Minas gerais, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, numero de cotistas é mínimo foi de 26 e o máximo de 135, o valor das cotas variam de R\$ 55 até R\$ 170.

A Economia solidária busca de uma forma geral, uma economia onde se tem uma completa conexão e respeito com a natureza, além da valorização do trabalho humano, sem uma acumulação de riqueza privada e sim buscando um bem social.

É uma alternativa diferente baseada na democracia e na cooperação, de modo que se busca a autogestão, onde todos os trabalhadores do negócio são os próprios donos.

Com esse preceito a CSA, por muito vem levantando essa bandeira, ou seja, o seu ideal é o de um bem comum, onde todos devem colaborar para que possam buscar uma economia mais sustentável, com a consumação de alimentos de produtos sustentáveis e locais, onde não agride nosso meio ambiente.

Nesse contexto, podemos dizer que a economia solidária é praticada por grupos organizados onde comandam seus próprios trabalhos garantindo um preço justo, fortalecendo e muito a relação entre o campo e a cidade, e permitindo uma ação mais crítica dos consumidores sobre uma vida saudável, de alimentação e com maior interesse sobre os rumos do desenvolvimento relacionados à atividade econômica.

Com esse ideal, a economia solidaria surgiu na Inglaterra no século XIX, e teve o início no Brasil no final do século XX, mas com fortes movimentos a partir dos anos 80.



Um dos idealizadores da economia solidária no Brasil foi o professor e economista Paul Singer, nascido em família de judeus em Viena na Áustria. Quando a Alemanha foi anexada a Áustria em 1938, sua família se mudou para o Brasil em 1940, com medo de perseguição dos nazistas aos judeus, e se estabeleceram em São Paulo, SP (CASTRO, 2010).

Singer participou de diversos movimentos sindicais, onde liderou a famosa greve dos 300 mil que em 1953 paralisou toda a indústria paulistana, quando ainda trabalhava de metalúrgico (CASTRO, 2010).

Ingressou na faculdade de economia na Universidade de São Paulo com sua graduação em 1959. Em 1960 iniciou como professor assistente na USP, em 1966, obteve o grau de doutor em Sociologia com um estudo sobre desenvolvimento econômico e seus desdobramentos territoriais. Em 1980 ajudou a fundar o PT (Partido dos Trabalhadores), juntamente com outros intelectuais ligados à esquerda (CASTRO, 2010).

Participou de diversos órgãos do governo, contribuindo com seus vastos estudos econômicos, chegou a assumir a Secretaria de Planejamento do município de São Paulo, na gestão da Prefeita Luiza Erundina. A partir de 1998, trabalhou diretamente com a economia solidária, onde ajudou na criação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP, quando foi convidado pela CECAE a assumir o cargo de coordenador acadêmico da incubadora (CASTRO, 2010).

A partir de junho de 2003, Singer passa a ser o titular da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). A secretaria foi criada no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego e fomenta por todo o país a geração de trabalho e renda através de uma forma diferenciada de organização do trabalho, a Economia Solidária (Dispõe sobre a composição, estruturação, competência e funcionamento do Conselho Nacional de Economia Solidária – CNES, 2006).

Nesse contexto, a economia solidária tem entre seus princípios Gerais;

- 1 - a valorização social do trabalho humano,
- 2 - a satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica,
- 3 - o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade,
- 4 - a busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza, e
- 5 - os valores da cooperação e da solidariedade.

Consoante se depreende, extraído do Fórum Brasileiro de Economia Solidária, o conceito de que:



A Economia Solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida (FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2018).

Desse modo, concluímos que a CSA, possui um método de Economia solidária, onde todos buscam somente um bem comum, ou seja, a união de pessoas e a descapitalização de lucros, onde tudo é de todos e o bem comum é o maior objetivo.

Notamos que a mudança de hábito dos consumidores ao longo do tempo vem mudando, e com isso se tornam um público mais preocupado com o meio ambiente e com as mudanças da natureza.

Para isso, os cidadãos que utilizam a CSA se preocupam como são realizados o cultivo dos seus alimentos, e os próprios fornecedores parceiros devem manter uma linha de produção voltada às regras e ao objetivo do grupo de consumidores.

Uma organização totalmente pautada no desenvolvimento agrário sustentável, buscando consumidores conscientes vem tomando forma desde 2011, com o objetivo de proteger as pequenas plantações e dar oportunidade a agricultura familiar com um consumo consciente.

Esse é consumo cidadão que muito vem sendo debatido e ganhando espaços nas discussões nacionais, através de diversos projetos onde desde cedo colocam esse tema relacionado com as crianças e tem por objetivo conscientizar o público da menor idade, que são os mais novos consumidores a valorizar empresas e indústrias que se preocupa com o meio ambiente.

Nesse contexto, temos o instituto Alana, um projeto socioambiental que também é voltado ao consumo consciente sendo o objetivo do Projeto Criança e Consumo é divulgar e debater ideias sobre as questões relacionadas à publicidade dirigida às crianças, assim como apontar caminhos para minimizar e prevenir os prejuízos decorrentes dessa comunicação mercadológica (ALANA, 2018).

Posto isso, com essas pequenas introduções de consumo conscientes e com uma educação que chega cada vez mais cedo às crianças e aos cidadãos, no intuito de valorizar os alimentos gerados e consumidos livres de agrotóxicos, com uma plantação mais sustentável, é que a CSA vem ganhando cada vez mais espaço em âmbito nacional.



Conclusões

Observamos por meio dos artigos citados, que a iniciativa da CSA, encontra-se no mundo todo.

No Brasil, o termo *Community Supported Agriculture* (CSA) foi traduzido e vem sendo adotado por Comunidade Sustenta a Agricultura (CSA).

Existe uma tendência de mercado, para um consumo mais solidário e cidadão.

O modelo de CSA é uma oportunidade para produtores e consumidores, pois aborda aspectos sociais, econômicos e ambientais.

Por fim, recomendamos, em trabalhos futuros, investigações mais detalhadas sobre as relações de confiança e talvez a chance desse modelo se expandir para outros setores de consumo.

Agradecimentos

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Referências bibliográficas

ALANA. **Alana Foundation**, 2018. Disponível em: <https://alana.org.br/>.

BRASIL. Decreto n. 5.811, de 21 de jun. de 2006. **Dispõe sobre a composição, estruturação, competência e funcionamento do Conselho Nacional de Economia Solidária - CNES**. 2006.

CASTRO, B. G. O SOCIALISMO DE PAUL SINGER E OS LIMITES DE SEU PROJETO POLÍTICO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **ORG & DEMO**, Marília, v.11, n.2, p. 23-44, jul./dez., 2010. Disponível em: [/www.researchgate.net/publication/277228273_O_SOCIALISMO_DE_PAUL_SINGE](http://www.researchgate.net/publication/277228273_O_SOCIALISMO_DE_PAUL_SINGE).

CSA Brasil. **Comunidade que Sustenta a Agricultura**. Disponível em: <http://csabrasil.org>.

FERREIRA NETO, D. N.; TORUNSKY, F. Agricultura apoiada pela comunidade e a "economia viva" de Rudolf Steiner. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.8, n.1, 2014.



FBES. **FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA**. 2018. Disponível em: <http://fbes.org.br/>.

HENDERSON, E.; VAN EN, R. Sharing the harvest: a citizen's guide to community supported agriculture. 2. ed. **Vermont**: Chelsea Green PublishingCo., 2007.

HITCHMAN, J. Agricultura sustentada pela comunidade: um modelo que prospera na China. **Agriculturas**, v. 12, n. 2, 2015.

MCFADDEN, S. **Community Farms in the 21st Century: Poised for Another Wave of Growth? The History of Community Supported Agriculture**, Part I. Rodale Institute, 2004. Disponível em: <http://newfarm.rodaleinstitute.org/features/0104/csa-history/part1.shtml>

ORTEGA, J. SANTOS, A. S.; SOUZA, I. M. D.; OLIVEIRA, A. P.R.; MARJOTTA-MAISTRO, M. C. Panorama das comunidades que sustentam a agricultura (CSA): os movimentos no Brasil e Europa. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, Jul. 2018. ISSN 2236-7934

SILVA, R. R.; BRANCO, J. C.; THOMAZ, S. M. T. Convenção de Minamata: uma análise dos impactos socioambientais de uma solução em longo prazo. **Saúde em Debate**, v. 41, n. spe2, p. 50-62, 2017.

URGENCI (2016). The International Network for Community Supported Agriculture. **Rede internacional para participantes do CSA em diversos países**. Disponível em: <http://urgenci.net> Acesso em 2016.